

segundocaderno@oglobo.com.br

HERMANO VIANNA

Facebook brasileiro?

Muita gente retuitou minha coluna da semana passada. Isso me deixou animado para reafirmar, com petulância: então está combinado, os programadores de cibercódigos são mesmo os novos heróis culturais. Sendo assim, onde estão os heróis programadores brasileiros? Li outro dia, na “Folha”, entrevista na qual Salim Ismail (um dos fundadores da Universidade da Singularidade, “encravada em um campus da Nasa, a agência espacial dos EUA, no Vale do Silício”) afirma que “o próximo Facebook deve nascer no Brasil ou em outro país emergente”. Alguém vê sinais desse nascimento por aí?

Quem já trabalhou com internet em território nacional deve compartilhar meu diagnóstico: bons programadores são cada vez mais raros e, portanto, disputados a tapa num congestionamento de serviços geralmente mal pagos (ficou convencionalizado que tudo no mundo on-line tem que ser barato). Temos muitos artistas e boas ideias, mas pouca gente para colocar a mão na massa do “desenvolvimento”, traduzido em bom código. Muitos projetos precisam comprar cibermão-de-obra na Índia ou outra terra com bom desempenho em lógica matemática.

Acabo de escrever orelha para o livro “Reflexões: ativismo, redes sociais e educação” — a ser publicado pela editora da UFBA — que reúne artigos e entrevistas de Nelson Pretto, um dos pioneiros dos estudos tecnoculturais que acontecem na Bahia desde quando a sigla WWW não havia sido criada. Concordo com proposta que reaparece em várias de suas páginas: as escolas brasileiras precisam urgentemente oferecer linguagem de programação digital como disciplina. Não estamos pirando: sabemos que os problemas com tabuada ou conjugação são gigantescos. Mas não dá para esperar resolver isso e depois atacar o resto. Tudo precisa ser feito ao mesmo tempo agora.

Brasileiros já formam a segunda maior população no Facebook. Também somos vanguarda no Instagram, no Pinterest, no WhatsApp. Maravilha. Só não podemos nos contentar apenas com consumo, por mais ativo que seja. O melhor dessa cyberbrincadeira é encontrar um jeito de fazer nossas próprias ferramentas (de buscas, de socialização, de comércio) e transformá-las em padrões mundiais, eternas enquanto durem. Para que ser campeão no Facebook dos outros se somos (assim esperamos) capazes de desenvolver uma rede social melhor, mais livre e tropicalista (como anunciou Gilberto Gil)?

Um Vale do Silício não aparece do nada. É resultado de anos de investimentos pesados em educação, produção científica e até mesmo criatividade anárquica (os hackers são herdeiros da contracultura hippie). O Brasil pode produzir algo parecido? O que estamos fazendo para que isso aconteça rápido? Não devemos pensar pequeno: temos que criar logo a escola do presente (nem falo em futuro). Devemos alfabetizar todas as crianças em português e C++ (repare bem: não escrevi HTML, que seria somente o mais básico dos básicos), aguçando suas curiosidades para que encarem as máquinas não como objetos fechados, que só podem ser concebidos em lugares distantes (não quero o “assembled in China”, quero o “designed in California”), e sim como instrumentos que podem ser fuçados e remixados no caminho para a invenção de outras máquinas, mais poderosas e necessárias.

O livro de Nelson Pretto me apresentou ao Plano Ceibal, do Uruguai (sou fã do presidente José “Pepe” Mujica, mas esse plano é herança do governo anterior), que caminha a passos bem largos para um ensino público em que todos os alunos e professores têm computadores conectados à internet e são incentivados a se apropriar das máquinas e da rede de maneira crítica, “programadora”. Podemos aprender muito com a experiência corajosa de nosso pequeno e querido vizinho do Sul.

Tim Berners-Lee, um dos mais valentes heróis culturais que a Humanidade já teve, fez palestra sexta-feira passada no Fórum Econômico Mundial de Davos, ali pertinho dos laboratórios do Cern onde criou a arquitetura livre da web. Cito trecho que é resumo dos parágrafos anteriores. Clamando por mais e melhor educação computacional, Sir Tim lembrou o óbvio: “Eu não estou falando de um curso para lhe dizer que botões apertar. Quando você aprende a programar um computador, está (...) se juntando a um grupo de pessoas que fazem coisas incríveis.” É isto: a escola deveria servir para estimular todo mundo a fazer coisas incríveis.

Para terminar, ou começar: desejo sucesso para o incrível Ginásio Experimental de Novas Tecnologias, na escola Municipal André Urani, que começa a funcionar nas próximas semanas na Rocinha. Sucesso também para o Digitalia, evento de música e cultura digital (programação incrível em digitalia.com.br) que começa hoje na CiberBahia. ●

SEGUNDA DANIEL GALERA	TERÇA Pelo mundo CRISTINA RUIZ BERLIM ANA PAULA SOUSA LONDRES	QUARTA FRANCISCO BOSCO	QUINTA Pelo mundo EDUARDO GRAÇA NOVA YORK EDUARDO LEVY LOS ANGELES	SEXTA HERMANO VIANNA	SÁBADO JOSÉ MIGUEL WISNIK	DOMINGO CAETANO VELOSO
---------------------------------	---	----------------------------------	--	--------------------------------	-------------------------------------	----------------------------------

Novo secretário do audiovisual promete proteger acervos como o da TV Manchete

‘QUERO CRIAR UMA POLÍTICA CONCRETA DE PRESERVAÇÃO’

LEONARDO AVERSA

Entrevista

Leopoldo Nunes

Há um mês na Secretaria do Audiovisual, o paulista Leopoldo Nunes, que foi diretor da Ancine e da TV Brasil, assessor da RioFilme e secretário de Cultura de São Bernardo do Campo, anuncia parceria entre a Cinemateca Brasileira e a TV Cultura para a digitalização das 4.600 fitas da extinta TV Manchete e promete preservar outros acervos, como o da TV Tupi.

CRISTINA TARDÁGUILA
cris.tardaguila@oglobo.com.br

● **O senhor se reuniu com a direção da TV Cultura para discutir o imbróglcio envolvendo o acervo da extinta TV Manchete, que está lá mas não pode ser usado por questões envolvendo direitos autorais, como O GLOBO noticiou no mês passado. O que foi acertado?**

Solicitei ao Ministério da Cultura (MinC) um parecer jurídico que vai me permitir mexer nas 4.600 fitas que estão com a TV Cultura. Esse documento vai alegar necessidade de conservação do material e apontar o risco de perdemos parte da história audiovisual do país. Com ele, assinaremos um termo de parceria entre a Cinemateca Brasileira e a Fundação Padre Anchieta (*responsável pela TV Cultura*) para a revisão e digitalização do material até o fim do ano. Vamos usar os laboratórios e os técnicos de ambos os lugares e diminuir os custos. Ficaremos bem abaixo dos R\$ 8 milhões orçados pela TV Cultura sozinha.

● **Mas e o impasse sobre o direito autoral das fitas?**

Ele continua. Não há tratativas para uso. Mas, enquanto revisamos e digitalizamos as fitas, o MinC vai lutar para aprovar no Congresso a nova



Leopoldo Nunes. Nos planos, concursos públicos para a Cinemateca Brasileira e o Centro Técnico Audiovisual

Lei de Direito Autoral (LDA). Quando acabarmos um, o outro certamente estará saindo. E a nova lei vai trazer artifícios que nos permitirão usufruir desse material.

● **Que artifícios?**

O caso da TV Manchete levou a Diretoria de Direitos Intelectuais, que também participou da reunião, a acrescentar dispositivos ao projeto de lei que versa sobre o assunto. A ideia é que a nova legislação fixe regras claras para casos de falência. Quando há um contrato de cessão/transferência de direitos autorais para uma empresa, e ela entra em falência, não é justo deixar os direitos autorais amarrados na massa falida. A legislação vigente e as diversas versões do projeto de lei não falam nada sobre isso. Agora vamos inserir.

● **Há mais acervos em risco?**

Em abril, faremos em São Paulo um seminário para mapear a memória audiovisual da TV brasileira. Quereamos descobrir a situação real de outros arquivos. O da TV Tupi, que está na Cinemateca Brasileira, por exemplo, está em VHS. O da Fundação Nacional do Índio (Funai), que tem registros históricos, está em ektachrome e VHS. Ainda há o da TV dos Trabalhadores, com toda a luta sindical e

popular gravada. Ele está em Betacam, em Umatic. Todos suportes cada dia mais obsoletos. Quero criar uma política concreta de preservação.

● **Mas conservar custa caro. Como convencer o setor?**

Quem receber verba do governo deverá dar a conservação como contrapartida. Já o setor privado precisa ver que memória é um produto que pode ser muito rentável.

● **Quais são os outros objetivos de sua gestão?**

Quero dar musculatura aos braços da secretaria. O Centro Técnico Audiovisual (CTAV) não faz concurso desde 1988 e, para continuar sendo o melhor estúdio de som da América do Sul, precisa dobrar o número de funcionários, de 40 para 80. Meu desejo é que ele coordene os 16 núcleos de produção digital do Brasil. Também quero que o CTAV tenha curadores e professores. Um técnico de som, por exemplo, não surge da noite para o dia. Quem entrou lá em 1988 está perto de sair. Precisamos replicar o conhecimento adquirido.

● **E quais os planos para a Cinemateca Brasileira?**

Ela recebeu um grande investimento em infraestrutura nos últimos dez anos, mas, de seus cerca de 200 funcioná-

rios, uns 150 são pessoas jurídicas — fato com o qual não concordo. A Cinemateca tem como função ser um reservatório de filmes e precisa estar nas mãos de servidores para não ficar suscetível a nenhum tipo de arranjo.

● **O Conselho da Cinemateca sugeriu a criação de uma organização social (OS). No grupo, estão Walter Salles e Cacá Diegues.**

Sou contra! Não pode ter esse papo de OS ali! Estamos falando de um interesse e de uma responsabilidade que é do estado pela Constituição.

● **Mas, como conseguir fazer dois concursos públicos?**

A ministra Marta Suplicy tem voz no governo. Vai convencer o Ministério do Planejamento e a Casa Civil.

● **E o que pensa da nova lei da TV paga?**

Fui derrotado. Queria que a produção nacional tivesse ao menos 200 minutos na TV por semana (*a Lei 12.485 fixa 70 minutos*). O Brasil tem condições de preencher isso. Há produtoras fabulosas. Quando estava na TV Brasil, pedi que comprassem toda a produção de programas infantis. Só consegui pilotos. Os produtores não davam sequência aos projetos por não terem onde exibi-los. Agora terão. ●

O X DA QUESTÃO CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

A exposição também contempla os desenhos de Márcia, pouco conhecidos ou inéditos, como uma série em que, com nanquim, ela desenha banquinhos que, na época, estavam no ateliê para um trabalho do marido, Ricardo Ventura. Eles foram casados por 12 anos e, como ocorreu no primeiro casamento dela, com Alex Hamburger, criaram trabalhos em dupla.

Entre eles, está “Cadeira careca”, a performance da qual Márcia saiu para ir ao hospital e morrer em 2005. Nela, a artista está deitada, no Palácio Gustavo Capanema, sobre uma *chaise longue* criada por Le Corbusier. Ventura atua como um barbeiro e, lentamente, raspa a pele que cobre a cadeira em volta do corpo de Márcia. Os dois homenageavam então o arquiteto modernista.

Como criador do Orlândia, espaço numa casa de sua família, em Botafogo, que abrigou exposições, Ventura ofereceu espaço para a arte provocativa de Márcia, muitas vezes rejeitada pelas instituições.

— Ela apresentava projetos e, com frequência, recebia “não” como resposta. Quem a apoiava eram o Paço Imperial e o MAM — conta Ventura.

Entre as rejeições mais célebres da trajetória da artista está a ocorrida no Centro Cultural Banco do Brasil, que, um ano após a morte dela, selecionou uma imagem de “Desenhando com terços” para a coletiva “Erótica”. O trabalho de Márcia foi exposto em alguns dos centros culturais da rede, mas, no Rio, foi censurado.

— Ela não era ingênua. Quando fez o trabalho (*com terços em forma de falos*), perguntei: “Você tem coragem?” Ela seguiu em frente — lembra.

Prevendo polêmicas, o MAM instalará, nas entradas do museu e da sala da mostra, o seguinte aviso: “A exposição ‘Márcia X — Arquivo X’ não é aconselhável para menores de 18 anos, nem para pessoas que possam se ofender com a utilização de símbolos religiosos dentro de um contexto artístico bastante diverso do que estão acostumados”. ●

AO LADO DE MÁRCIA X.

LAURA ERBER EXPÕE TELEGRAMAS NO MAM

No dia 26 de maio de 2012, Laura Erber disparou um telegrama para o MAM. Com letras maiúsculas, escreveu: “As perguntas realmente importantes chegam sempre tarde demais?” Era o primeiro de muitos telegramas que a artista enviaria ao museu e que agora compõem a mostra “Musa sem cabeça”, que será aberta também amanhã, às 16h.

Com os telegramas, expostos em caveletes, Laura diz se valer de ferramenta quase obsoleta para perguntar ao “Senhor MAM” (destinatário das cartas) questões sobre o contemporâneo que há muito a intrigam.

— A ideia inicial era criar um dispositivo para contar a história da arte contemporânea brasileira usando um meio da própria arte. Primeiro pensei em desenhos. Depois, nos telegramas — diz ela que, ao curador do museu Luiz Camillo Osorio, não pediu



Laura Erber. A palavra como mote

resposta, mas apenas que guardasse as correspondências.

Conhecida por usar a palavra como mote da arte, Laura quer questionar “fios soltos” deixados na história da arte. O que é a passagem do moderno para o contemporâneo? Com que tempo se trabalha na história?

— A ideia era criar uma relação imaginária com o museu. Não espero uma resposta porque não existe essa resposta — explica.